

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE O PAPA FRANCISCO AOS MEMBROS DO CG28

Queridos irmãos!

Saúdo-vos com afeto e agradeço a Deus por poder, mesmo à distância, partilhar convosco um momento do caminho que estais a percorrer.

É significativo que, depois de algumas décadas, a Providência vos tenha conduzido a celebrar o Capítulo Geral em Valdocco – o lugar da memória onde o sonho-fundador se concretizou e deu os primeiros passos. Estou certo que o rumor e as vozes dos oratórios serão a melhor música, a mais eficaz, pela qual o Espírito faz reviver o dom carismático do vosso fundador. Não fecheis as janelas para o rumor de fundo... Deixai que vos acompanhe e vos mantenha inquietos e intrépidos no discernimento; e permiti que estas vozes e estes cânticos, por sua vez, evoquem em vós os rostos de tantos outros jovens, que, por várias razões, se encontram como ovelhas sem pastor (cf. *Mc* 6, 34). Este rumor e esta ansiedade manter-vos-ão atentos e em alerta a qualquer tipo de anestesia autoimposta e ajudar-vos-ão a permanecer em fidelidade criativa à vossa identidade salesiana.

Reavivar o dom que recebestes

Pensar a figura do Salesiano para os jovens de hoje, implica aceitar que estamos imersos num momento de mudanças, com tudo aquilo que esta incerteza gera. Ninguém pode dizer com certeza e precisão (se alguma vez foi possível fazê-lo) o que irá acontecer no futuro próximo a nível social, económico, educativo e cultural. A inconsistência e a “fluidez” dos acontecimentos, mas sobretudo a rapidez com que se sucedem e comunicam as coisas, faz com que todo o tipo de previsão se torne uma leitura condenada a ser reformulada muito em breve (cf. Constituição Apostólica *Veritatis gaudium*, 3-4). Esta perspectiva é ainda mais acentuada pelo fato de as vossas obras estarem particularmente orientadas para o mundo dos jovens, que em si mesmo é um mundo em movimento e em contínua transformação. Isto exige uma dupla docilidade: docilidade aos jovens e às suas exigências e docilidade ao Espírito e a tudo aquilo que Ele deseja transformar.

Assumir responsabilmente esta situação – quer a nível pessoal, quer a nível comunitário – comporta sair de uma retórica que nos leva a dizer continuamente “tudo está em mudança” e que, à força de o repetir, acaba por fixar-nos numa inércia paralisante que priva a vossa missão da parrésia própria dos discípulos do Senhor. Tal inércia pode também manifestar-se num olhar e numa atitude pessimista diante de tudo aquilo que nos circunda e não só no que se refere às transformações que acontecem na sociedade, mas também em relação à própria Congregação, aos irmãos e à vida da Igreja. Esta atitude que acaba por “boicotar” e impedir qualquer resposta ou processo alternativo, ou por fazer emergir a posição oposta: um otimismo cego, capaz de dissolver a força e a novidade evangélica, impedindo aceitar concretamente a complexidade que as situações exigem e a profecia que o Senhor nos convida a levar por diante. Nem o pessimismo nem o otimismo

são dons do Espírito, pois ambos provêm de uma visão autorreferencial capaz de ser medida só com as próprias forças, capacidades ou competências, impedindo de olhar àquilo que o Senhor atua e quer realizar entre nós (cf. Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, 35). Nem se adaptar à cultura da moda, nem se refugiar num passado heroico, mas já desencarnado. Nos tempos de mudança, faz bem ater-se às palavras de S. Paulo a Timóteo: “Por isso, recomendo-te que reanimes o dom de Deus que se encontra em ti, pela imposição das minhas mãos, pois Deus não nos concedeu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de amor e de sabedoria” (2Tm 1,6-7).

Estas palavras convidam-nos a cultivar uma atitude contemplativa, capaz de identificar e discernir os pontos nevrálgicos. Isto ajudará a entrar no caminho com o espírito e o contributo próprio dos filhos de Dom Bosco e, como ele, desenvolver uma “válida revolução cultural” (Encíclica *Laudato si'*, 114). Esta atitude contemplativa haverá de permitir-vos superar e ultrapassar as vossas próprias expectativas e os vossos programas. Somos homens e mulheres de fé, o que supõe ser apaixonados por Jesus Cristo; e sabemos que tanto o nosso presente como o nosso futuro estão impregnados desta força apostólico-carismática chamada a continuar a permear a vida de tantos jovens abandonados e em perigo, pobres e necessitados, excluídos e descartados, privados dos seus direitos, de casa... Estes jovens esperam um olhar de esperança capaz de contrariar todo tipo de fatalismo ou determinismo. Esperam cruzar-se com o olhar de Jesus que lhes diz que “em todas as situações escuras ou dolorosas [...] há uma via de saída” (Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, 104). É ali que habita a nossa alegria.

Nem pessimista nem otimista, o salesiano do séc. XXI é um homem cheio de esperança porque sabe que o seu centro está no Senhor, capaz de fazer novas todas as coisas (cf. *Ap* 21, 5). Só isto nos salvará de viver numa atitude de resignação e sobrevivência defensiva. Só isto tornará fecunda a nossa vida (cf. *Homilia*, 2 de fevereiro de 2017), porque tornará possível que o dom recebido continuará a ser experimentado e expresso como uma boa notícia para e com os jovens de hoje. Esta atitude de esperança é capaz de instaurar e inaugurar processos educativos alternativos à cultura imperante que, em não poucas situações – quer pela indigência ou pobreza extrema quer por abundância, em alguns casos também extrema –, acabam por asfixiar e matar os sonhos dos nossos jovens condenando-os a um conformismo ensurdecador, adulator e não poucas vezes narcotizado. Nem triunfalistas nem alarmistas, homens e mulheres alegres e com esperança, não automatizados, mas artesãos; capazes de “mostrar outros sonhos que este mundo não oferece, de testemunhar a beleza da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza, do perdão, da fidelidade à própria vocação, da oração, da luta pela justiça e o bem comum, do amor aos pobres, da amizade social” (Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, 36).

A “opção Valdocco” do vosso 28º Capítulo-Geral é uma boa ocasião para se confrontar com as fontes e pedir ao Senhor: “*Da mihi animas, coetera tolle*”.⁴⁴ *Tolle*, sobretudo aquilo que durante o caminho se foi incorporando e perpetuando e que, ainda que noutra tempo tivesse sido uma resposta adequada, hoje vos impede de configurar e plasmar a presença salesiana de maneira

⁴⁴ Lema gravado a fogo nos primeiros missionários. Lembro-me da carta do P. Tiago Costamagna a Dom Bosco em que, depois de lhe contar as dificuldades da viagem e os vários fracassos que tiveram que enfrentar, concluiu dizendo: “Pedimos unânimes apenas uma coisa: poder ir logo para a Patagônia para salvar incontáveis almas”. A consciência de ser enviado para procurar almas nos subúrbios e de permanecer superando qualquer aparente fracasso, é uma nota de identidade com base na qual se pode comparar e medir o carisma: “*Da mihi animas, coetera tolle*”.

evangelicamente significativa nas diversas situações da missão. Isto pede, da nossa parte, superar os medos e as apreensões que podem surgir por ter acreditado que o carisma se reduzisse ou identificasse com determinadas obras ou estruturas. Viver fielmente o carisma é qualquer coisa mais rica e estimulante que o simples abandono, remedeio ou readaptação das casas ou das atividades; comporta uma mudança de mentalidade diante da missão a realizar.⁴⁵

A “opção Valdocco” e o dom dos jovens

O Oratório salesiano e tudo aquilo que nasce a partir dele, como narra a *biografia do Oratório*, nasce como resposta à vida dos jovens com um rosto e uma história, que colocam em movimento aquele jovem sacerdote incapaz de permanecer neutral e imóvel diante daquilo que acontecia. Foi muito mais do que um gesto de boa vontade ou de bondade, e muito mais do que o resultado de um projeto de estudo sobre a “viabilidade numérico-carismática”. Penso nisso como um ato de conversão permanente e de resposta ao Senhor que, “cansado de bater” às nossas portas, espera que o procuremos e o encontremos... Ou o deixemos sair, quando bate de dentro. Conversão que implica (e complica) toda a sua vida e a vida daqueles que estavam à sua volta. Dom Bosco não só não escolhe separar-se do mundo para buscar a santidade, mas deixa-se interpelar e escolhe como e que mundo habitar.

Escolhendo e acolhendo o mundo das crianças e dos jovens abandonados, sem trabalho, nem formação, permitiu-lhes experimentar de modo tangível a paternidade de Deus e deu-lhes os instrumentos para narrar a sua vida e a sua história à luz de um amor incondicional. Eles, por sua vez, ajudaram a Igreja a reencontrar-se com a sua missão: “A pedra rejeitada pelos construtores tornou-se pedra angular” (Sl 118, 22). Longe de serem agentes passivos ou espectadores da obra missionária, tornaram-se, a partir da sua própria condição – em muitos casos “analfabetos religiosos” e “analfabetos sociais” – os principais protagonistas de todo o processo de fundação.⁴⁶ A salesianidade nasce precisamente deste encontro capaz de suscitar profecias e visões: acolher, integrar e fazer crescer as melhores qualidades como dom para os outros, sobretudo para os marginalizados e abandonados de quem não se espera nada. Disse-o Paulo VI: “Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma... Numa palavra, é o mesmo que dizer que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho (Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, 15). Todo carisma precisa ser renovado e evangelizado e no vosso caso sobretudo pelos jovens mais pobres.

⁴⁵ Recordamos a advertência do Senhor: “Desprezando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens” (Mc 7,8).

⁴⁶ Graças à ajuda do sábio Cafasso, Dom Bosco descobriu quem era aos olhos dos jovens presos; e aqueles jovens presos descobriram um novo rosto no olhar de Dom Bosco. Então, juntos descobriram o sonho de Deus, que precisa destes encontros para se manifestar. Dom Bosco não descobriu a sua missão diante de um espelho, mas na dor de ver jovens que não tinham futuro. O salesiano do século XXI não descobrirá a sua própria identidade, se não for capaz de sofrer com “a quantidade de jovens saudáveis e fortes, de espírito vivo, que estavam na prisão atormentados e completamente despojados de alimento espiritual e material... Neles estava representada a odiosidade da pátria, a desonra da família” (*Memorie dell’Oratorio di san Francesco di Sales*, 48); e nós poderíamos acrescentar: da nossa própria Igreja.

Os interlocutores de Dom Bosco ontem e do Salesiano hoje não são meros destinatários de uma estratégia antecipadamente projetada, mas protagonistas vivos do Oratório a realizar.⁴⁷ Por meio deles e com eles o Senhor mostra-nos a sua vontade e os seus sonhos.⁴⁸ Poderíamos chamar-lhes cofundadores das vossas casas, onde o Salesiano será especialista em convocar e em gerar este tipo de dinâmicas sem se sentir o patrão. Uma união que nos recorda que somos “Igreja em saída” e que nos mobiliza para isto: Igreja capaz de abandonar posições cômodas, seguras e em certas ocasiões privilegiadas, para encontrar nos últimos a fecundidade típica do Reino de Deus. Não se trata de uma escolha estratégica, mas carismática. Uma fecundidade suportada com base na Cruz de Cristo, que é sempre injustiça escandalosa para os que bloquearam a sensibilidade diante do sofrimento ou que desceram a pactos com a injustiça diante do inocente. “Não podemos ser uma Igreja que não chora à vista destes dramas dos seus filhos jovens. Não devemos jamais habituar-nos a isto, porque, quem não sabe chorar, não é mãe. Queremos chorar para que a própria sociedade seja mais mãe” (Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus vivit*, 75).

A “opção Valdocco” e o carisma da presença

É importante dizer que não somos formados *para* a missão, mas que somos formados *na* missão, a partir da qual se articula toda a nossa vida, com as suas escolhas e as suas prioridades. A formação inicial e a permanente não podem ser uma instância prévia, paralela ou separada da identidade e da sensibilidade do discípulo. A missão *inter gentes* é a nossa melhor escola: a partir dela rezamos, refletimos, estudamos, repousamos. Quando nos isolamos ou nos afastamos do povo que somos chamados a servir, a nossa identidade como consagrados começa a desfigurar-se e a tornar-se uma caricatura.

Neste sentido, um dos obstáculos que podemos identificar não tem tanto a ver com uma qualquer situação externa às nossas comunidades, mas é aquilo que nos toca diretamente por uma experiência distorcida do ministério..., e que nos faz tanto mal: o clericalismo. É a procura pessoal de querer ocupar, concentrar e determinar os espaços minimizando e anulando a união do Povo de Deus. O clericalismo, vivendo o chamamento de forma elitista, confunde a eleição com o privilégio, o serviço com o servilismo, a unidade com a uniformidade, a discrepância com a oposição, a formação com a doutrinação. O clericalismo é uma perversão que favorece as ligações funcionais, paternalistas, possessivas e até manipuladoras com o resto das vocações na Igreja.

Outro obstáculo que encontramos – difundido e até justificado, sobretudo neste tempo de precariedade e fragilidade – é a tendência ao rigorismo. Confundindo autoridade com autoritarismo, pretende-se governar e controlar os processos humanos com uma atitude escrupulosa, severa e até mesquinha perante os limites e as fragilidades próprias ou dos outros

⁴⁷ Hoje vemos como em muitas regiões os jovens são os primeiros a levantar-se, a organizar-se e a promover causas justas. As vossas casas salesianas, longe de impedir este despertar, são chamadas a tornar-se espaços que possam estimular esta consciência de cristãos e cidadãos. Recordemos o título da Estreia do Reitor-Mor deste ano: “*Bons cristãos e honestos cidadãos*”.

⁴⁸ Convido-vos a ter sempre em mente todos aqueles que não participam nestas instâncias, mas que não podemos ignorar se não quisermos ser um grupo fechado.

(sobretudo dos outros). O rigorista esquece que o trigo e o joio crescem juntos (cf. *Mt 13, 24-30*) e que “nem todos podem tudo”, e que, nesta vida, as fragilidades humanas não são curadas, completamente e duma vez por todas, pela graça. Em todo caso, como ensinava Santo Agostinho, Deus convida-te a fazer o que podes e “a pedir o que não podes” (Exortação apostólica *Gaudete et exsultate*, 49). São Tomás de Aquino com grande finura e sutileza espiritual recorda-nos que “o diabo engana muitos. Alguns atraindo-os a cometer pecados, outros a um excessivo rigor para com os que pecam, de modo que, se não pode tê-los por comportamento vicioso, leva à perdição os que já tem, usando o rigor dos prelados, que, não os corrigindo com misericórdia, os induzem ao desespero, e assim se perdem e caem na rede do diabo. E isto acontece conosco, se não perdoarmos aos pecadores”.⁴⁹

Aqueles que acompanham outros a crescer devem ser pessoas de grandes horizontes, capazes de colocar juntos limites e esperança, ajudando assim a olhar sempre em perspectiva, numa prospectiva salvífica. Um educador “que não teme pôr limites e, ao mesmo tempo, se abandona à dinâmica da esperança expressa na sua confiança na ação do Senhor dos processos, é imagem de um homem forte, que guia o que não lhe pertence, mas ao seu Senhor”.⁵⁰ Não nos é lícito sufocar e impedir a força e a graça do possível, cuja realização esconde sempre uma semente de Vida nova e boa. Aprendamos a trabalhar e a confiar nos tempos de Deus, que são sempre maiores e mais sábios que as nossas míopes medidas. Ele não quer destruir ninguém, mas salvar a todos.

É urgente, por isso, encontrar um estilo de formação capaz de assumir de modo estrutural o fato de que a evangelização implica a participação plena, e de pleno direito, de cada batizado – com todas as suas potencialidades e os seus limites – e não apenas os assim chamados “atores qualificados” (cf. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 120); uma participação em que o serviço, e o serviço ao mais pobre, seja o eixo portante que ajuda a manifestar e a testemunhar melhor nosso Senhor, “que não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida em resgate de muitos” (*Mt 20,28*). Encorajo-vos a continuar a empenhar-vos em fazer das vossas casas um “laboratório eclesial” capaz de reconhecer, apreciar, estimular e encorajar os diversos chamamentos e missões na Igreja.⁵¹

Neste sentido, penso concretamente em duas presenças da vossa comunidade salesiana, que podem ajudar como elementos a partir dos quais confrontar o lugar que ocupam as diferentes vocações entre vós; duas presenças que constituem o “antídoto” contra todo o tipo de tendência clericalista e rigorista: o Irmão Coadjutor e as mulheres.

Os Irmãos Coadjutores são expressão da vida de gratuidade que o carisma vos convida a conservar. A vossa consagração é, antes de mais, sinal de um amor gratuito do Senhor e ao Senhor nos seus jovens, que não se define principalmente como um ministério, uma função ou um serviço particular, mas através de uma presença. Antes ainda de o que fazer, o Salesiano é memória viva de uma presença em que a disponibilidade, a escuta, a alegria e a dedicação são as notas essenciais para suscitar processos. A gratuidade da presença salva a Congregação de todas as obsessões

⁴⁹ *Super II Cor.*, cap. 2, lect. 2 (in fine). A passagem comentada por Santo Tomás é *2Cor 2,6-7* onde, a respeito de quem o entristeceu, São Paulo escreve: “Deves usar da tua bondade e consolá-lo, para que não sucumba sob demasiada dor”.

⁵⁰ J. M. BERGOGLIO, *Meditazioni per religiosi*, 105.

⁵¹ Uma vocação eclesial, antes de ser um ato que diferencia ou torna complementar, é um convite a oferecer um dom particular em função do crescimento dos outros.

ativistas e de todos os reducionismos técnico-funcionais. O primeiro chamamento é ser uma presença alegre e gratuita entre os jovens.

Que seria de Valdocco sem a presença de Mãe Margarida? Teriam sido possíveis as vossas casas sem esta mulher de fé? Nalgumas regiões e lugares “há comunidades que se mantiveram e transmitiram a fé durante longo tempo, mesmo decênios, sem que algum sacerdote passasse por lá. Isto foi possível graças à presença de mulheres fortes e generosas, que batizaram, catequizaram, ensinaram a rezar, foram missionárias, certamente chamadas e impelidas pelo Espírito Santo. Durante séculos, as mulheres mantiveram a Igreja de pé nesses lugares com admirável dedicação e fé ardente” (Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*, 99). Sem uma presença real, efetiva e afetiva das mulheres, às vossas obras faltaria coragem e capacidade para declinar a presença como hospitalidade, como casa. Diante do rigor que exclui, é preciso aprender a gerar nova vida do Evangelho. Convido-vos a levar por diante dinâmicas nas quais a voz da mulher, a sua visão e o seu agir – apreciado na sua singularidade – encontrem eco ao serem tomadas decisões; como um ator não auxiliar, mas constitutivo das vossas presenças.

A “opção Valdocco” na pluralidade das línguas

Como noutros tempos, o mito de Babel procura impor-se em nome da globalidade. Inteiros sistemas criam uma rede de comunicação global e digital capaz de interconectar os diferentes ângulos do planeta, com grave perigo de uniformizar monoliticamente as culturas, privando-as das suas características essenciais e dos seus recursos. A presença universal da vossa Família Salesiana é um estímulo e um convite a guardar e preservar a riqueza de muitas culturas em que estais imersos sem procurar “homologá-las”. Por outro lado, esforçai-vos para que o cristianismo seja capaz de assumir a língua e a cultura das pessoas do lugar. É triste ver que em muitos lugares se sente ainda a presença cristã como uma presença estrangeira (sobretudo europeia): situação que se verifica também nos itinerários formativos e nos estilos de vida (cf. *ibid.*, 90).⁵² Pelo contrário, agiremos como nos inspira aquele episódio em que Dom Bosco, à pergunta sobre que língua gostava de falar, responde: “Aquela que me ensinou a minha mãe: é aquela com que posso comunicar mais facilmente”. Seguindo esta certeza, o salesiano é chamado a falar na língua materna de todas as culturas em que se encontra. A unidade e a comunhão da vossa Família estão em condições de assumir e acentuar todas estas diferenças, que podem enriquecer todo o corpo numa sinergia de comunicação e interação em que cada um possa oferecer o melhor de si para o bem de todo o corpo. Assim a salesianidade, em vez de se perder na uniformidade das tonalidades, conquistará uma expressão mais bela e atrativa... saberá expressar-se “em dialeto” (cf. *2Mac* 7,26-27).

Ao mesmo tempo, a irrupção da realidade virtual como linguagem dominante em muitos dos Países em que realizais a vossa missão, exige, em primeiro lugar, reconhecer todas as possibilidades e as coisas boas que produz, sem subvalorizar ou ignorar a incidência que possui para criar ligações, sobretudo afetivas. Disto não estamos imunes nem sequer nós adultos consagrados. A tão difundida

⁵² Cf. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 116: “como podemos ver na história da Igreja, o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à tradição da Igreja, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar”.

(e necessária) “pastoral do monitor” pede-nos que habitemos a rede de forma inteligente reconhecendo-a como um espaço de missão⁵³ que requer, por sua vez, colocar todas as mediações necessárias para não permanecer prisioneiros da sua circularidade e da sua lógica particular (e dicotômica). Esta armadilha – mesmo em nome da missão – pode-nos fechar sobre nós próprios e isolar-nos numa virtualidade cômoda, supérflua e pouco ou nada empenhada na vida dos jovens, dos irmãos da comunidade ou dos trabalhos apostólicos. A rede não é neutra e o poder que possui para criar cultura é muito alto. Sob o *avatar* da proximidade virtual podemos ficar cegos ou distantes da vida concreta das pessoas, sufocando ou empobrecendo o vigor missionário. O dobrar-se individualista sobre si mesmo, tão difundido e proposto socialmente nesta cultura amplamente digitalizada, exige uma atenção especial não apenas no que se refere aos nossos modelos pedagógicos, mas também ao uso pessoal e comunitário do tempo, das nossas atividades e dos nossos bens.

A “opção Valdocco” e a capacidade de sonhar

Um dos “gêneros literários” de Dom Bosco eram os sonhos. Com eles o Senhor fez-se caminho na sua vida e na vida de toda a vossa Congregação alargando a imaginação do possível. Os sonhos, longe de o adormecerem, ajudaram-no, como aconteceu a São José, a assumir uma outra espessura e uma outra medida de vida, que nascem das entranhas de compaixão de Deus. Era possível viver concretamente o Evangelho... sonhou-o e deu-lhe forma no Oratório.

Gostaria de vos oferecer estas palavras como os “boas-noites” em toda boa casa salesiana ao terminar o dia, convidando-vos a sonhar e a sonhar em grande. Sabeis que o resto vos será dado como acréscimo. Sonhai casas abertas, fecundas e evangelizadoras, capazes de permitir ao Senhor mostrar a tantos jovens o seu amor incondicional, e a vós gozar a beleza a que fostes chamados. Sonhai... E não só para vós e para o bem da Congregação, mas para todos os jovens privados da força, da luz e do conforto da amizade com Jesus Cristo, privados de uma comunidade de fé que os sustenha, de um horizonte de sentido de vida (cf. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 49). Sonhai... e fazei sonhar!

Roma, São João de Latrão, 4 de março de 2020.

⁵³ Hoje, de fato, “torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas” (Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, 74).